

SOBRE A POESIA CONCRETA E ANÁLISE DO CLIP-POEMA “SEM SAÍDA” DE AUGUSTO DE CAMPOS

Andréia Nogueira Hernandes¹

Resumo:

Este trabalho, fundamentado em teorias e manifestos sobre a poesia concreta, busca analisar de que maneira procede esta poesia, suas características, suas fundamentações, suas peculiaridades, principalmente no que a distingue do poema impresso. Como ilustração da teoria sobre esta tendência diferenciada sobre a poesia, foi feita uma análise do clip-poema “Sem Saída”, de Augusto de Campos, animado e veiculado online. Nesta análise, aspectos que o caracterizam como poema concreto são levantados, juntamente à análise semântica do poema e observações foram feitas, no que diz respeito a traços distintivos em relação à poesia convencional. Desta maneira, foi também possível entender de que maneira poesia e modernidade se ajustam, produzindo um novo conceito poético que colabora para as idéias da arte concreta.

Palavras-chave: Poesia concreta, análise de poema, Augusto de Campos.

Abstract:

This paper, based on theories and papers about concrete poetry, tries to analyze how this poetry happens, its characteristics, its fundamentals, its peculiarities, and specially analyses how different this poetry is from the impress poetry. As an illustration of the theory about this tendency, an analysis of the clip-poem “Sem Saída”, from Augusto de Campos, animated and online transmitted by the internet was made. In this analysis, are detached aspects that characterize it as a concrete poem, a semantic analysis is made and also observations are raised, distinguishing it from the conventional impress poetry. This way, it was also possible to understand how poetry and modernity adjust, producing a new poetic conceit, which cooperates for the concrete art ideas.

Keywords: Concrete Poetry, poem analysis, Augusto de Campos.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Londrina UEL.

Introdução

“O poema é forma e conteúdo de si mesmo,
o poema é.” (Décio Pignatari)

O movimento da poesia concreta, termo usado pela primeira vez em 1955 por Augusto de Campos, apontava para tendências diferentes e que compunham uma nova poesia. Essa nova tendência, influenciada por grandes pensadores e poetas, como Mallarmé, Ezra Pound, Apollinaire, Cummings, buscava libertar a obra de arte criativa, afastando-se do formalismo e do intelectualismo e “outros tantos falsos pejorativos”.

Esta poesia concreta propõe uma arte:

Que presentifique o OBJETO [...] A presentificação do objeto verbal, direta, sem biombos de subjetivismos encantatórios ou de efeito cordial. Não há cartão de visitas para o poema: há o poema. (CAMPOS, 1965, p. 54)

A poesia concreta, cujas características embrionárias eram a negação do verso tradicional, a ruptura sintática com uma ocupação do espaço da página, uma nova realidade rítmica, teve forte ligação com as artes plásticas e com a música concreta.

Podemos perceber essa proximidade quando reconhecemos em todos eles a já citada premissa da figura geométrica e o aspecto da composição voltado para si mesmo, afastando-se da semelhança formal com as coisas do mundo.

Poesia concreta é uma poesia, por excelência da palavra, aponta para o ingresso de fenômenos não verbais na poesia. (MENEZES, 1991)

A partir dos anos 60, os poemas passaram a ser apresentados utilizando os mais diversos recursos gráficos e visuais. Em *Nova Poesia Concreta*, Décio Pignatari levanta aspectos que caracterizam este novo olhar sobre a arte poética, apontando para a importância do olho (a arte visual) na comunicação, e citando a necessidade do movimento, da estrutura dinamizada.

Essa poesia visual, uma produção experimental que é até hoje produzida, apresenta em nossos dias denominações mais específicas à medida que procedimentos dessa poesia vão sendo apontados e características as vão diferenciando e criando novas terminologias.

Dentro da classificação de poema visual, temos o clip-poema, que é o poema veiculado ciberneticamente, ou, que se usa do mais tecnológico meio existente hoje em dia: o meio da informática.

Neste trabalho, analisaremos o poema “Sem saída”, de Augusto de Campos, poeta que, junto a Haroldo de Campos e Décio Pignatari, fez parte do grupo Noigandres, que propunha uma nova poesia, que abandonaria toda a tradição do verso linear e pré-moldado. Ainda que exista uma renovação da poesia, não podemos dizer que poesia concreta dissocie-se da linguagem, ou da comunicação, mas pelo contrário, de acordo com Augusto de Campos em “A moeda concreta da fala”, é na “moeda concreta da fala” que esta denominação da poesia busca os elementos fundamentais de sua expressão.

Ao longo de nossa análise, buscaremos levantar aspectos que caracterizem a poesia de Augusto de Campos, que de acordo com Philadelpho Menezes conta com uma nova apresentação do espaço geométrico do poema, e um “jogo de semelhanças” entre significado e significante.

Desenvolvimento

“Sem saída” é o chamado clip-poema, poema cinético veiculado online, digitalmente animado, adequando-se à tecnologia mais moderna e unindo as linguagens poética e tecnológica.

O clip-poema possui características peculiares, e nos valeremos de características apresentadas em *Plano Piloto para poesia concreta*, para reconhecermos algumas das peculiaridades deste poema, que exemplificaremos em breve por meio da análise a seguir.

A poesia concreta, para Philadelpho Menezes, apresenta uma ausência de sintaxe. Propõe também um choque direto entre as palavras sem que elas tenham a pontuação como aspecto amenizador. O crítico aponta a função de

organização estrutural que o signo verbal transmite, dependendo de sua organização na página.

Temos na poesia visual, uma tentativa renovada do uso da palavra, trocando a estática, por uma maior dinamicidade.

No poema em questão, animado, em que enunciados coloridos se deslocam simultaneamente e depois voltam ao seu lugar, observamos as cores escolhidas de maneira diferente, apontando para acréscimos de novos sentidos e interpretações mesmo às palavras mais comuns. Observa-se aqui, o quanto o meio digital colabora para o objetivo do poema, que de acordo com Pound, sendo arte, deve ser coisa viva, e afastar-se da originalidade e da linearidade convencionais.

Também o espaço gráfico do poema passa ser um fator importante, possibilitando um novo olhar e uma nova leitura a ser feita da poesia, característica da poesia concreta, que se vale do espaço geométrico do poema.

O poema, por apresentar, como explica Menezes uma junção de significante e significado, faz uso, como podemos encontrar em Plano Piloto, da “comunicação de formas de uma estrutura conteúdo, e não da usual comunicação de mensagens”. A visualidade do poema é muito maior que a dos poemas tradicionais. Podemos considerar que o poema “fala por si só”. Segundo Augusto de Campos, em Poesia Concreta, na poesia concreta, as palavras “atuam como objetos autônomos”.

É apresentado também em Plano Piloto a função “verbivocovisual” do poema, proposto por James Joyce, que significa a valorização da palavra em seu aspecto semântico, visual, sonoro e comunicativo. As palavras, segundo Augusto de Campos são “dúcteis, moldáveis, amalgamáveis, à disposição do poema”.

No caso de “Sem saída”, veremos que o elemento sonoridade, também valorizado na composição da poesia concreta, não acontece, o que não altera nem um pouco a comunicabilidade do poema, como veremos adiante.

Em “Sem saída”, temos, em várias cores, e disponibilizada em diferentes direções e posições, palavras que constituem enunciados, usando de maneira

intensa o espaço gráfico do poema e por conseqüência abrindo possibilidades para que a leitura do poema seja feita a partir de qualquer direção, sem o estabelecimento de ordem.

O uso de cores variadas, não necessariamente representa uma função, mas neste caso, entende-se a variedade dos enunciados e das palavras também por conta de serem variadas as cores do poema.

As cores são alaranjado, azul claro, azul escuro, rosa, verde, amarelo e vermelho, e as enunciados escritos são, respectivamente: “Nunca saí do lugar”, “Não posso ir mais adiante”; “Não posso voltar atrás”; “Curvas encantam o olhar”; “ A estrada é muito comprida”; “Levei toda a minha vida” e “O caminho é sem saída”.

Não existe voz que narra os enunciados ao leitor, ou ao internauta, o que clarifica o livre arbítrio que o leitor tem para escolher de onde ou por onde pretende começar a leitura, ainda que os enunciados se apresentem simultaneamente. O leitor não é amarrado a nenhum tipo de linearidade, aspecto diferenciador da poesia impressa.

Ao “assistirmos” à apresentação do poema, notamos que as enunciados se desenvolvem até atingirem o lado oposto de onde surgiram, e depois retrocedem ao seu local de origem. Retomamos o conceito apontado no plano-piloto, que refere-se ao movimento da poesia concreta. Podemos identificar inúmeros movimentos de exibição, uma interatividade das palavras do texto, interagindo com ele também o leitor, que age como co-autor do poema.

Diferentemente da pequena interação do leitor com o poema impresso, a quem só resta ler e existem pequenas opções de variação na leitura, na maioria das vezes linear, neste caso o “leitor” é quem dá o clique, interagindo com o poema e iniciando sua leitura, como citamos, por onde julgar necessário.

Os movimentos são diversos, entre eles movimentos lineares horizontais, verticais e diagonais, mas não escapam, posteriormente, ao movimento de volta ao ponto de saída.

De acordo com Augusto de Campos, em “A moeda concreta da fala”, essa poesia voltada para a movimentação “pretende influir sobre o discurso, na

medida que puder revivificar e dinamizar suas células-mortas, impedindo a atrofia do organismo comum: a linguagem”.

No plano semântico, essa mobilidade toda, na verdade aponta para uma falsa mobilidade e desenvolvimento no plano real, pois ainda que exista a mobilidade, o poema pretende mostrar que e não se chega a lugar nenhum, pois o ponto de partida é sempre o ponto de chegada.

Por conta da necessidade de que a vida mova-se adiante, fazem-se esforços, constrói-se “letra a letra” ou passo a passo, formando palavras, e depois enunciados, até atingir o que entendemos pelo “objetivo”, pelo alvo, que seria o outro lado, mas tudo se retrocede, voltando à origem, pois não há caminho, é “sem saída”, confirmando que o único caminho que existe é o caminho de volta.

O enunciado em amarelo: “Levei toda a minha vida”, está escrita ao contrário, vem na direção oposta do convencional, da direita para a esquerda, apontando para as contrariedades e dificuldades. Este enunciado é uma das mais complicados de se ler, por conta de originar-se no lado direito e inverter a ordem das letras, fazendo com que o espectador gaste mais tempo decifrando e entenda com mais peso o teor do enunciado. Levar toda a vida com dificuldades, com obstáculos, em muitos momentos com calma, para chegar ao final de algo que não tem saída, é o que se entende.

Remetendo-nos ao título do poema, o enunciado em vermelho, cor que chama mais atenção, tem mais destaque, e procura não passar despercebido, como o vermelho do sinal de trânsito, temos: “O caminho é sem saída”, que é originário da parte superior do poema, descendo até o lado inferior. O fato de o enunciado “mestre” buscar um novo modo de se apresentar, desviando-se do convencional (esquerda para direita), mostra a necessidade do autor de buscar novas alternativas para achar a saída. Mas com o mesmo fim das outras, o enunciado encontra o outro lado e regride, confirmando finalmente: O caminho é mesmo sem saída.

De muitas maneiras, tenta-se descobrir um meio de liberdade, faz-se uma construção de uma outra realidade, chega-se a um novo destino por conta das

escolhas e dos caminhos que são traçados pelos seres-humanos na vida, mas todas terminam num mesmo ponto sem saída. Por meio das cores, Augusto de Campos também reafirma a oposição nítida do fundo negro, que aponta para o universo vasto e vago, o nada, posteriormente preenchido e que toma seu sentido em contraste com ações humanas, numerosas, variadas.

O poema “sem saída” é uma reflexão em relação ao processo natural da morte. A vida, feita de seus diversos caminhos, tomados de diversas maneiras, as opções e escolhas vindas de todos os lados, constituem um quadro de uma vida, mas que no final termina em morte. Por isso os enunciados voltarem exatamente ao seu ponto de origem. Do mesmo lugar se nasce e a esse mesmo lugar se retorna.

Conclusão

Este trabalho, além de possibilitar a observação da maneira com que a poesia e a modernidade digital se adaptaram e passaram a produzir um poema novo, animado, e que conta com a interação do internauta ou leitor, apontou para a colaboração do meio digital para a veiculação da proposta concretista.

O clip-poema, tendência relativamente nova, resultante de idéias originárias a partir da década de 50 tomou hoje novas proporções, que permitem observações sobre como diferentes meios de comunicação interagem.

A análise do poema mostra de que maneira os poetas concretos entendiam a poesia, e como o fator digital colabora para o objetivo destes poetas, produzindo animação, colorido no poema, e principalmente apontando para a idéia do “concreto”, do poema falar por si só, por meio da mescla entre o significante e o significado. Os enunciados não só transmitem uma idéia por meio da palavra escrita, mas agem de acordo com a idéia proposta.

Inspirados em Pound, que propunha o poema como uma arte alegre e cheia de vida, temos o clip-poema, que reafirma as características concretas e propõem uma nova visão e um novo fôlego para a arte poética.

Referências:

ALVES, Luiz Edmundo. O Concretismo revisado. Disponível em: <http://www.tanto.com.br/luizedmundo-concret.htm> . Acesso em 17 de julho de 2000.

CAMPOS, Augusto de. Site oficial de Augusto de Campos. Disponível em: <http://www.uol.com.br/augustodecampos>. Acesso em 15 de maio de 2007.

CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio e CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Editora Perspectiva, EDUSP, 1970.

CAMPOS, Augusto de. Poesia concreta. In: *In: Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950 - 1960*. São Paulo: Edições Invenção, 1965.

CAMPOS, Haroldo de. Poesia e paraíso perdido. In: *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950 - 1960*. São Paulo: Edições Invenção, 1965.

_____. A obra de arte aberta. In: *In: Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950 - 1960*. São Paulo: Edições Invenção, 1965.

_____. Evolução de formas: poesia concreta. In: *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950 - 1960*. São Paulo: Edições Invenção, 1965.

FINIZOLA, Fátima. Contemporânea - Novas Interferências do Meio Digital. Disponível em: <http://www.corisco.net/img/empresa/Poesia%20Concreta%20Contemporanea%20-%20Novas%20Interferencias%20do%20Meio%20Digital.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2000.

MENEZES, Philadelpho. *Poética e Visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1991.

PIGNATARI, Décio. Nova poesia: concreta. In: *In: Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950 - 1960*. São Paulo: Edições Invenção, 1965.